

# dois pontos:

Revista dos Departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos

## Sobre a geografia do *Eu*<sup>1</sup>

*On the geography of the self*

José Feres Sabino

Doutorando no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo – USP

joseferes@hydra.com.br

**Resumo:** A leitura de um ensaio de Elias Canetti sobre Tolstói me suscitou a seguinte imagem: a alma humana é como o leito de um rio em que as pedras definem seu curso singular. Esta imagem serve como chave de leitura da trajetória do personagem Anton, no romance *Anton Reiser*. O texto procura identificar essas marcas, salientando que a exclusão tem papel fundamental na formação de sua personalidade.

**Palavras-chave:** Canetti; Moritz; exclusão; espaço; eu.

**Abstract:** An Elias Canetti's essay on Tolstoy brought to me the following image: the human soul is like a river bed where the rocks set their unique course. This image works like a reading key to the character Anton's trajectory, in the novel *Anton Reiser*. This text tries to identify such marks, highlighting that the exclusion plays an essential role in his personality development.

**Keywords:** Canetti; Moritz; exclusion; space; I.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.



## I.

Do início ao fim, Elias Canetti se dedicou a pensar as relações entre o poder – cuja vocação é unificar e necrosar a multiplicidade e o fluir da vida – e a metamorfose, natureza do ser vivente e enigmático dom humano, que lhe permite desdobrar-se em outros e saber como é cada configuração provisória, qual sua verdadeira consistência.

O “eu” é uma das maneiras de exercício do poder. Procura, como Peter Kien, o sinólogo do romance *Auto-de-fé*, proteger-se da voragem da multiplicidade e do formigueiro do presente, erguendo muralhas de livros e buscando refúgio no abstrato, de onde poderá catalogar e unificar a riqueza da vida. Com isso, acaba por se destruir como pessoa.

No ensaio “Tolstói, o último antepassado”, no entanto, Canetti, por meio do relato que o escritor russo faz da própria vida, busca caracterizar outro tipo de subjetividade, que, por sua vez, estabelece outra relação com a vida. Segundo ele, Tolstói havia sido contaminado por J. J. Rousseau na mania de se acusar a “si-mesmo”, mas só homens dotados de um si-mesmo (*Selbst*) forte o bastante podem se submeter a esse tipo de censura e não serem destruídos.

Esse si-mesmo robusto e compacto, resultado de uma vida longa (80 anos) e completa, que incorporou todas as contradições de que um homem é capaz, produz no leitor Canetti a ilusão de que uma vida pode ser vista como um todo. Sobre isso, ele faz o seguinte comentário:

Talvez não exista ilusão mais importante. Pode-se defender a concepção de que a vida de um homem se recompõe em inúmeros detalhes, os quais nada têm a ver um com o outro, mas tal ideia, que se expandiu demasiadamente, não traz bons resultados. Subtrai-se ao homem a coragem de resistir, pois é para isso que ele necessita do sentimento de que permanece o mesmo. É necessário que haja algo no homem de que ele não se envergonhe, algo que realize e registre, dentre os atos vergonhosos, aqueles que forem necessários. Esta parte impenetrável da natureza íntima possui algo de relativamente constante, e pode ser pressentida logo cedo, se se procura seriamente por ela. Quanto mais se puder perseguir essa constante, quanto mais longo for o espaço de tempo pelo qual se estende sua atividade, tanto mais peso adquire uma vida. (CANETTI, 1990, p. 216)

Essa ideia de constância, uma recusa da ideia do rio heraclítico, foi a origem da imagem de que há o rio que flui incessantemente, mas há também o leito no qual estão escondidas as pedras que definem nosso fluir.

## II.

Por onde quer que entremos na obra de Karl Philipp Moritz, encontraremos também essa contraposição: “ver uma vida como um todo” e “ver uma vida em fragmentos”. Num de seus ensaios, “Tempo e eternidade”, em que discute a perspectiva humana e a divina, ele observa que:

Se quero contemplar uma cidade e me encontro ao rés do chão, preciso caminhar numa rua após a outra e esperar até que, com a ajuda de minha memória, se ofereça a representação de toda a cidade. Porém, se estou numa torre, de onde tenho uma visão panorâmica da cidade, vejo então, de uma só vez e simultaneamente, tudo o que antes precisei ver sucessivamente. (MORITZ, 1997, p. 49)

No romance *Anton Reiser*, o trabalho da imaginação será justamente o de compor a partir de cenas isoladas, e aparentemente insignificantes, o quadro de uma vida, no caso, a do personagem Anton. No prefácio da segunda parte desse livro, lemos que:

Aquele que começa a prestar atenção em sua vida passada muitas vezes acredita ver primeiramente apenas inutilidade, fios soltos, confusão, noite e escuridão; no entanto, quanto mais fixa seu olhar, mais a escuridão desaparece, mais a inutilidade se esvai, os fios soltos voltam a se atar, o amontoado e o confuso se ajeitam – e o dissonante imperceptivelmente se resolve em consonância e harmonia. (MORITZ, 2019, p. 132)



“Prestar a atenção”, “aguçar o olhar” se dirigem ao vivo; é pelas recuperações de cenas adormecidas na memória que será composta a história interior do homem. A introspecção é uma retrospectção.

No prefácio da primeira parte, que por ser breve e apresentar a poética do livro, transcrevo-o na íntegra:

Este romance psicológico poderia também ser eventualmente chamado de biografia, porque as observações são em grande parte tiradas da vida real. – Quem conhece o curso das coisas humanas e sabe que, no desenrolar da vida, aquilo que inicialmente parecia pequeno e insignificante pode muitas vezes se tornar bastante importante não se incomodará com a aparente insignificância de certas situações narradas aqui. Também não se deve esperar uma variedade de personagens num livro que conta sobretudo a história *interior* do homem: pois o livro não deve dispersar a força de representação, mas concentrá-la, aguçando o olhar da alma para si mesma. – Essa questão, sem dúvida, não é assim tão simples para que toda tentativa nesse sentido resulte necessariamente em êxito – mas sobretudo, ao menos do ponto de vista pedagógico, nunca será completamente inútil o empenho de fixar a atenção do homem mais sobre si mesmo e tornar a sua existência individual mais importante para ele mesmo. (MORITZ, 2019, p. 8)

A denominação “romance psicológico” significa olhar para o pequeno e insignificante de uma vida, enfatizando a história interior da vida de uma pessoa. Trata-se de fazer uma viagem (viragem) para dentro de si com os próprios pés<sup>2</sup>.

Além disso, o prefácio menciona dois aspectos da obra: um alerta (o resultado dessa virada para o interior pode não ser exitoso) e uma recomendação pedagógica (o leitor, ao se dedicar a leitura desse livro, poderá aguçar seu olhar para a própria existência e valorizar sua vida).

O efeito da leitura não só convoca a presença de um leitor ativo, mas também, no interior da trama, a leitura desempenha um papel fundamental na formação de Anton, sobretudo como ampliação dos estreitos limites em que sua vida monótona e solitária acontece. Nesse ponto, *Anton Reiser* retoma, portanto, uma tópica que remonta ao *Dom Quixote*, mas que, segundo o escritor Juan José Saer, não foi inaugurada por ele, mas nele alcança sua plenitude, a saber: a leitura é um meio de revelação, de transfiguração do mundo e de transformação da pessoa (SAER, 1999, p. 38).

Embora Moritz antes da redação do *Anton Reiser* já tivesse se debruçado sobre a vida interior das pessoas, ou de seu desenvolvimento emocional (basta uma simples olhada nos textos que antecedem o romance e os concomitantes a ele)<sup>3</sup>, é com esse romance de cunho autobiográfico que ele parece atender a um desafio de Herder – o de que “conhecemos tão pouco a nossa alma como o nosso rosto, porque não a estudamos; estudamos outras fisionomias apenas para reconhecê-las quando nos deparamos com elas; não estudamos a nós mesmos, porque não temos necessidade de nos deparar conosco mesmos”<sup>4</sup>.

### III.

Se, no prefácio à primeira edição, o autor apresenta sua poética, destacando a temporalidade (história interna), o romance começa por estabelecer um local. Tal como seu personagem principal – que, quando

<sup>2</sup> Dois anos antes de publicar a primeira parte (1785) de seu romance *Anton Reiser*, Moritz começou a editar uma revista de psicologia experimental, cujo título era uma mistura de língua grega e alemã *Gnothi s'auton oder Magazin zur Erfahrungsseelenkunde* (1783-1793). Seguindo sugestão de Anthony Krupp, no artigo “Karl Philipp Moritz’s Lives and Walks”, Moritz, ao intitular seu livro, tinha em mente esse “Conhece a ti mesmo” (*Gnothi s'auton*), o que provoca uma semelhança fônica (paronomásia) entre “Anton” e “auton”. Num breve ensaio, intitulado *Selbstmassregler. Zum Karl Philipp Moritz (O tutor de si mesmo. Sobre Karl Philipp Moritz)*, o escritor Peter Handke, diz que se alguma vez a expressão “investigar-se a si mesmo” (*Selbstforschung*) foi bem usada, foi então com Moritz (HANDKE, 2007, p. 109).

<sup>3</sup> O livro *Unterhaltungen mit meinen Schülern* (1780) seria uma obra que antecede a publicação do *Anton Reiser*.

<sup>4</sup> Herder, J. G. “Sobre o órgão da sensação [*Zum Sinn des Gefühls*], citado por Oliver Tolle em seu artigo “O livro da alma”.



pensou em escrever sua vida, imaginava sempre começar igual às robinsonadas que tinha lido, ou seja, tinha nascido em tal e tal ano, em tal e tal lugar, de pais pobres, etc.<sup>5</sup> –, o narrador começa sua biografia assim:

Em P., lugar famoso por suas fontes termais, vivia em sua quinta, ainda no ano de 1756, um fidalgo, líder na Alemanha de uma seita conhecida pelo nome Quietistas ou Separatistas, cujas doutrinas estão contidas sobretudo nos escritos de *Madame Guyon*, célebre fanática que viveu na França nos tempos de Fénelon e com quem também manteve relações (MORITZ, 2019, p. 11)<sup>6</sup>.

O narrador situa o leitor também num local, mas não o do nascimento do personagem ou de seus pais, e sim o local onde vivia o líder de uma seita, da qual o pai de Anton veio a ser tornar um adepto após a morte de sua primeira esposa.

As primeiras páginas do livro são dedicadas a descrever como estava organizada a seita, qual sua doutrina e o modo como os participantes da seita viviam<sup>7</sup>. Um detalhe nos chama a atenção: o líder da seita, o Senhor de F., vive completamente isolado dos moradores da cidade e sua casa cercada por muros altos.

A doutrina quietista<sup>8</sup> pode ser resumida em três palavras: mortificação das paixões, aniquilação da singularidade e retorno ao nada. Somente pela saída completa de si mesmo e entrada no bem-aventurado nada era possível limpar a alma de qualquer resquício de amor-próprio para assim alcançar a quietude perfeita e bem-aventurada.

Quando o pai de Anton, homem de alma dura e insensível, se casa com a mãe de Anton, ele já era um seguidor do quietismo, e sua mãe uma mulher versada na Bíblia que acreditava que a fé só tem sentido se produz obra. Ela se casou com a esperança de receber do esposo mais cuidado e amor do que aquele que seus parentes lhe tinham dedicado<sup>9</sup>.

Mas não foi o que ocorreu. A diferença doutrinária instaurou um verdadeiro clima de guerra na casa. O pai pregava a renúncia do eu e a mortificação das paixões e a mãe combatia esse tipo de fanatismo, essa vida monótona e pálida.

É nesse ambiente de desavenças e insatisfações mútuas que vem ao mundo o menino Anton – “oprimido desde o berço”, segundo o narrador. Já no nascedouro essa vida é impedida de desabrochar. Se a paisagem exterior não lhe oferece um lugar, o sofrimento o leva para a paisagem interior (realiza o aprendizado de olhar para dentro de si):

Os primeiros sons que seu ouvido escutou e que seu entendimento nascente compreendeu foram insultos e maldições recíprocos do casal, que se achava ligado por laços indissolúveis.

<sup>5</sup> Robson Crusoe (1719) de Daniel Defoe começa assim: “Nasci no ano de 1632, na cidade de York, de uma família boa, embora não original daquela área, sendo meu pai um estrangeiro de Bremen, que se estabeleceu primeiro em Hull” (DEFOE, 2011, p. 45). D. *Quixote* de Miguel de Cervantes: “Num lugarejo em La Mancha, cujo nome ora me escapa, não há muito que viveu um fidalgo desses de lança em armeiro, adarga antiga, rocim magro e cão bom caçador” (CERVANTES, 2012, p. 67).

<sup>6</sup> Madame Guyon (1648-1717), mística francesa.

<sup>7</sup> As páginas iniciais do *Anton Reiser* têm semelhanças com o início do romance de Laurence Sterne *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, em que a preocupação do narrador é responder quem são os pais e como se portavam quando da concepção do filho.

<sup>8</sup> O quietismo e o pietismo são as duas doutrinas religiosas presentes na infância de Anton. A primeira acredita que o estado de graça ou de união com Deus pode ser obtido pelo abandono total da própria vontade à vontade de Deus, fora de qualquer rito ou prática religiosa. O termo foi inventado por Miguel de Molinos (1627-1696). A segunda é uma reação à ortodoxia protestante. Pretendia voltar a teses originárias da reforma protestante: livre interpretação da Bíblia e negação da teologia; culto interior de Deus e negação do culto externo, dos ritos e de toda organização eclesial.

<sup>9</sup> Dois autores, Hannah Arendt e Robert Minder, trataram das relações do pietismo e do quietismo com o romance *Anton Reiser*.



Embora tivesse pai e mãe, ele foi abandonado pelos dois já na infância, pois não sabia a quem deveria se unir, a quem se agarrar, já que ambos se odiavam e ele estava tão próximo de um quanto do outro.

Na infância, jamais recebeu os afagos de pais carinhosos, nem mesmo o sorriso recompensador deles após um pequeno esforço de sua parte.

Quando entrava na casa dos pais, entrava numa casa de insatisfação, ira, lágrimas e lamentos.

Durante toda a vida, essas primeiras impressões jamais foram apagadas de sua alma, convertendo-se muitas vezes em ponto de encontro de pensamentos sombrios que ele não conseguiu remover com nenhuma filosofia (MORITZ, 2019, p. 16).

Essas impressões desagradáveis – abandono, falta de carinho, falta de reconhecimento – transformam a alma num depósito, nascedouro de sentimentos desagradáveis (melancolia, tristeza, insegurança desprezo de si, vergonha, solidão) que serão predominantes na alma de Anton. A alegria e outros sentimentos agradáveis serão raros.

As impressões, escreve Moritz num texto que antecede o *Anton Reiser* – tanto as desagradáveis quanto as agradáveis, acrescento eu –, formam a base de tudo o que virá. Elas se “escondem” sob nossas ideias e dão a estas uma direção que do contrário, elas não tomariam. Aqui ancoramos a imagem proposta para a leitura do romance: essas impressões são como pedras depositadas no leito de nossa alma que moldam o curso e o ritmo de nossas vidas.

#### IV.

Destaco um exemplo de “impressão desagradável” ocorrida na infância e depois lembrada na adolescência em razão de outro episódio de exclusão. Quando os pais de Anton foram convidados para uma pequena festa familiar pelo dono da casa em que moravam, Anton, por não ter roupas adequadas, ficou proibido de participar. Permaneceu no quarto de onde, pela janela, via as crianças da vizinhança chegando bem vestidas para a festa. “Enquanto permanecia lá em cima”, escreve o narrador, “sozinho e chorando, o barulho do alegre tumulto lá embaixo subia até ele” (MORITZ, 2019, p. 26). Excluído do jantar, abandonado por todos, sentiu desprezo por si, que logo se transformou numa melancolia indizível. Anton recorre aos cânticos da Madame Guyon; um deles caía perfeitamente em sua situação (“ – Uma tal aniquilação, como estava sentindo naquele momento, tinha de anteceder, conforme o cântico de Madame Guyon, a perda de si no abismo do amor eterno, assim como uma gota se perde no oceano.” (Idem, p. 26). Leu o cântico, mas nada do pregado ali fez com que pudesse se desprender da fome que sentia. Resolveu então descer as escadas, entreabriu a porta e pediu a sua mãe autorização para pegar pão na dispensa. “Isso primeiro provocou gargalhada e, depois, compaixão no grupo, junto a certa indignação para com os pais” (MORITZ, 2019, p. 26).

Anualmente ocorria um desfile público dos alunos com música e tochas em que se davam as vivas ao diretor e reitor da escola. Anton já havia participado do ritual antes, mas, desta vez, para comprar as tochas, ele se encontrava sem dinheiro e suas tentativas para consegui-lo foram em vão. Foi excluído de participar da procissão e, no dia, ao ouvir a música vinda lá de longe, ele se recordou da cena do jantar que havia ocorrido mais ou menos dez anos antes:

[...] excluído, solitário e abandonado por todo mundo – isso o afundou numa melancolia muito semelhante à sentida quando seus pais o largaram sozinho lá em cima no quarto, enquanto festejavam com o proprietário embaixo, e as risadas alegres da festa e o barulho dos copos ressoavam alto em cima, e ele se sentia tão sozinho e abandonado por todo mundo, consolando-se com os cânticos da Madame Guyon (MORITZ, 2019, p. 270).

Após a leitura dessas cenas, não resisto a mencionar uma cena em que o menino Franz é posto para fora de casa. Está narrada na famosa *Carta ao Pai* – texto em que a vida e a obra de Kafka se interpenetram



–, no momento em que recorda os “métodos pedagógicos” do pai, cujas sequelas mais mencionadas na carta são medo, falta de confiança em si e culpa. Era de noite e o menino estava chorando e pedindo água, “com certeza não de sede”, escreve Kafka, “mas provavelmente em parte para aborrecer, em parte para me distrair” (KAFKA, 2018, p. 12). Depois que algumas ameaças severas não tinham adiantado, o pai tirou o menino da cama, o levou até a varanda (*pawlatsche*) e o deixou ali sozinho, por um momento, de camisola de dormir, diante da porta fechada. E conclui:

Sem dúvida, a partir daquele momento eu me tornei obediente, mas fiquei internamente lesado. Segundo minha índole, nunca pude relacionar direito a naturalidade daquele ato inconsequente de pedir água com o terror extraordinário de ser arrastado para fora. Anos depois eu ainda sofria com a torturante ideia de que o homem gigantesco, meu pai, a última instância, podia vir quase sem motivo me tirar da cama à noite para me levar à varanda [*pawlatsche*] e de que eu era para ele, portanto, um nada dessa espécie” (KAFKA, 2018, p. 13).

## V.

Como Anton se sente deslocado e excluído do convívio humano, os sentimentos desagradáveis o impellem a sair do mundo real. A primeira porta de saída é a leitura – que seu pai lhe ensinara aos oito anos de idade.

A leitura lhe abriu subitamente um mundo novo cujo deleite lhe permitiu compensar de certo modo todas as coisas desagradáveis de seu mundo real. Quando ao seu redor só havia barulhos, repreensões e desavença doméstica, quando não encontrava ninguém com quem brincar, ele corria para seu livro. (MORITZ, 2019, p. 20)

Começa pelos livros religiosos, passa pelos de mitologia, vai para os romances, os de teatro, para os de filosofia e os científicos.

Quando, ainda na primeira parte do livro, conta-se que ele foi morar com a mãe no campo – e a natureza lhe imprime as primeiras impressões agradáveis –, lemos que: “essas imagens continuam a se misturar entre seus pensamentos mais agradáveis e constituem, por assim dizer, a base de todas as imagens ilusórias que sua fantasia costuma pintar” (MORITZ, 2019, p. 17).

A divisão de um mundo real (estreito e tedioso) e um mundo imaginário, (amplo e vivo), do qual ele pode habitar enquanto lê, enquanto ouve uma pregação ou vê uma peça de teatro, percorre toda a narrativa do livro.

O espaço tem, pois, papel fundamental na arquitetura da obra e constituição do “si-mesmo”: não só há um constante deslocamento entre os dois mundos, mas também entre espaços fechados nos quais o personagem está ou vive (casas, escola, igrejas) e espaços abertos (o campo, a natureza).

Em seus passeios, sempre sentia uma atração especial para conhecer os arredores da cidade que ainda não visitara. Sua alma se alargava cada vez mais, era como se tivesse ousado dar um pulo para fora do estreito círculo de sua existência; as ideias cotidianas se perdiam, e perspectivas grandes e agradáveis, os labirintos do futuro, se abriam diante dele (MORITZ, 2019, p. 101).

Uma das maneiras de compreender o sentido da formação “*Bildung*”<sup>10</sup> nesse romance é considerá-la uma busca: o menino Anton busca um ambiente onde sua vida possa acontecer (desenvolver). Da casa para o livro, do livro para a Igreja, da Igreja para a escola, da escola para o teatro. Em cada espaço, buscava um lugar, um olhar para si.

<sup>10</sup> O escritor e germanista Claudio Magris sustenta a ideia de que o *Anton Reiser* é um romance não da formação do “eu”, mas de sua negação. “O indivíduo não se desenvolve visando a perfeição da estátua clássica, mas se configura sobre um molde côncavo, à maneira de uma cavidade lábil e indefinível [...]” (MAGRIS, 2012, p. 27-8).



## VI.

Quando, em 1785, Moritz publica a primeira parte do *Anton Reiser*, ele está com apenas 29 anos. Quando publica a quarta e última parte, em 1790, tem 34 anos. Os eventos narrados se desenrolam entre os 7 e os 20 anos de Anton. Moritz esperou mais de 6 anos para se debruçar sobre a própria vida e buscar o sentido dela. Distância suficiente para evocar o que estava abrigado em sua memória e começar a transformar cenas passadas soltas no quadro de sua vida.

Só quando saímos dos acontecimentos, nossa vida inteira pode surgir de repente para nós. Num de seus passeios em volta do baluarte da cidade – em que seu espírito se reanimava e a esperança voltava a arder –, ao ver uma luz acesa dentro das casas, ele imaginava:

que em cada cômodo iluminado – e muitas vezes havia muitos em uma casa – vivia uma família, ou então uma comunidade de pessoas, ou uma pessoa sozinha, e que naquele momento um cômodo daquele abarcava em si os destinos e a vida e os pensamentos daquela pessoa, ou de uma comunidade de pessoas; e que ele, após o passeio completo, retornaria também para um cômodo ao qual estaria como que atado e que seria o lugar próprio de sua existência; primeiramente isso provocava nele uma estranha sensação de *humilhação*, como se seu destino estivesse *perdido* nesse infinito e confuso amontoado de destinos humanos cruzados e se tornasse por isso mesmo pequeno e *insignificante*. Mas, depois, essas mesmas luzes em cada um dos cômodos das casas próximas ao baluarte reerguiam pouco a pouco seu espírito, quando extraía delas uma visão do todo e conseguia sair de sua própria e limitante esfera, na qual se perdia entre todos os habitantes da terra que passavam despercebidos e indistintos na vida, e profetizava para si um destino particular e extraordinário, cuja doce ideia o animava com nova esperança e coragem enquanto avançava a passos *rápidos*. (MORITZ, 2019, p. 278-279)

A condição básica para a passagem da parte para o todo é a ideia de lugar “à qual atamos todas” as outras ideias:

As ruas e casas isoladas, que Anton via diariamente, eram o imutável de suas representações, às quais sempre se unia o mutável de sua vida, e, por meio do imutável, a vida adquiria coerência e verdade e ele diferenciava a vigília do sonho (MORITZ, 2019, p. 98-99).

Cada si-mesmo é moldado segundo sua geografia íntima. Moritz nos mostrou que começamos por onde estivemos.





### Referências bibliográficas:

ARENDT, Hannah. “Agostinho e o protestantismo”. In: *Compreender. Formação, exílio e totalitarismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2008, p. 54-57.

CANETTI, Elias. *A consciência das palavras. Ensaio*. Tradução de Márcio Suzuki e Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha* (Primeiro Livro). Tradução e notas de Sérgio Molina. Apresentação de Maria Augusta da Costa Vieira. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoé*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2011.

HANDKE, Peter. “Der Selbstmassregler. Zu Karl Philipp Moritz”. In: *Mündliches und Schriftliches. Zu Büchern, Bildern und Filmen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007, p. 109-110.

KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. Tradução e posfácio de Modesto Carone. 18ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KRUPP, Anthony. “Karl Philipp Moritz’s Life and Walks”. In: KRUPP, A. (Hrsg.) *Karl Philipp Moritz: Signaturen des Denkens*. Amsterdam, New York: Rodopi, 2010, p. 11-18.

MAGRIS, Claudio. *El anillo de Clarisse. Tradición y nihilismo en la literatura moderna*. Barañain: EUNSA, 2012.

MINDER, Robert. *Glaube, Skepsis und Rationalismus*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1974.

MORITZ, K. P. *Popularphilosophie, Reisen, Ästhetische Theorie*. Herausgegeben von Heide Hollmer und Albert Meier. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1997, Band II.

\_\_\_\_\_. *Anton Reiser. Um romance psicológico*. Tradução de José Feres Sabino. São Paulo: Carambaia, 2019.

SAER, J. J. *La narración-objeto*. Buenos Aires: Seix Barral, 1999.

SPEZZAPRIA, M. “Kant, Moritz e la ‘Magazin zur Erfahrungs-Seelenkunde’”, *Estudos Kantianos*, v.3, n.2, Jul/Dez, 2015, pp. 131-140.

STERNE, Laurence. *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. Tradução prefácio e notas de José Paulo Paes. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SUZUKI, Márcio. “Posfácio”. In: *Anton Reiser. Um romance psicológico*. Tradução de José Feres Sabino. São Paulo: Carambaia, 2019, p. 538-553.

TOLLE, Oliver. “O livro da alma”, *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. X, n. 19, jul-dez/2016, pp. 57-69.

Recebido em 30 de junho de 2020. Aceito em 04 de agosto de 2020.